7. CONCLUSÃO GERAL

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja tomou novos rumos. De uma posição mais *Intra Ecclesia*, voltada para si e distante do mundo, tomou por base sua abertura ao mundo, ou seja, *Extra Ecclesia*, necessária ao mundo, mas também necessitada dele, por ser espaço fértil e único para sua ação evangelizadora. E, em vista do homem e da sociedade no mundo, de sua promoção, tudo deve estar direcionado. Por isso, a vida deve ser valorizada como um todo, em todas as suas dimensões. “Também na vida econômico-social, a dignidade do ser humano, com sua vocação integral, bem de toda a sociedade, deve ser honrada e promovida. O homem, com efeito, é o autor, centro e fim de toda a vida econômico-social.”¹ Embora o desafio ainda esteja começando, como afirmou o Papa Paulo VI com os bispos conciliares – “a tarefa do Concílio Ecumênico não está completamente terminada com a promulgação de seus documentos”², esses, como o ensina a história dos Concílios, representam antes um ponto de partida que um alvo atingido.³

Eclesiologicamente, a Igreja mudou seu olhar sobre si mesma. A consciência que a comunidade cristã tinha de si mesma se aprofunda; passou a considerar outros aspectos até então ignorados dessa consciência eclesial; deixou de ser o único meio de salvação, axioma defendido pela Igreja tradicional, para ser sacramento universal de salvação, sacramento de união do ser humano com Deus e das pessoas consigo mesmas.⁴

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* parece atender à solicitação dos padres sinodais, que esperavam do Papa um impulso novo, capaz de suscitar na Igreja tempos novos de evangelização. Àquela época, dizia o Pontífice: “as condições da sociedade (...) obrigam-nos a todos a rever os métodos, a procurar, por todos os meios ao alcance, e a estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã”.⁵

¹ Cf. GS, 63.

² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituições, Decretos e Declarações*, op. cit., p. 32.

³ Cf. GS, 40.

⁴ AGOSTINI, Nilo. *Nova evangelização e opção comunitária: conscientização e movimentos populares*. Petrópolis, 1990, p. 71.

⁵ Cf. EN, 3.

Com a mesma importância de ontem, a *Evangelii Nuntiandi* continua referência indispensável para reflexões e práticas da Igreja em sua ação evangelizadora atual.

Já podemos afirmar que, por longos tempos na história do Cristianismo, os *Novíssimos*, antigo tratado escatológico, mais especificamente preocupado em refletir acerca das últimas coisas, não têm recebido um tratamento adequado. Suas interpretações sempre decorreram na perspectiva individualista e desligada da história, fazendo prevalecer uma visão pessimista e marcada pelo medo e culpabilidade.

Entretanto, preocupada com a essência do Cristianismo e a vida de Jesus de Nazaré, a escatologia passou a situar a perspectiva da esperança cristã na história. Desse modo, viu-se também necessário refletir sobre a condição daquele a cuja relevância escatológica se referia fundamentalmente: o ser humano, cuja encarnação do próprio Deus veio revelar sua realidade definitiva.

Nisso, o horizonte de compreensão se amplia, e os *novíssimos* passaram a ser vistos à luz da esperança escatológica. Assim, as realidades últimas, a partir do último, que se revelou na história, fazem-se presentes ao homem em sua realidade terrena. Logo, o que era visto atemporal e sobrenatural ou transcendente, faz-se de certo modo, histórico, temporal e imanente.

Todas essas novas posturas da escatologia vieram a se tornar conclusões deliberadas e definidas pelo Concílio Vaticano II, em épocas de necessidades por renovações em vários âmbitos da sociedade, sobretudo, na Igreja.

No Concílio, a reflexão escatológica se dá na mesma perspectiva das renovações que vinham já se desenvolvendo essencialmente no crivo da esperança cristã, fundamentadas a partir de Jesus Cristo, da esperança do cumprimento da promessa de Deus e na plena realização de seu Reino, cujo início se deu na História.

Recuperar a dimensão escatológica para a prática evangelizadora contribuirá, com relevância, com o que é de mais profundo no ser humano: o ser de transcendência, de esperança orientada para o infinito. Não há como escapar dessa realidade essencial da existência humana, que supera qualquer ciência.

Buscamos afirmar que a partir de toda a vida de Jesus e de seu anúncio do Reino que se inicia na História, Deus quis se aproximar da humanidade e do mundo, numa relação de solidariedade e amor às suas criaturas. Veio para salvar o

homem por inteiro, no além, na História e para sempre. O que conta, portanto, ao falarmos da salvação, é a relação harmônica entre o divino e o humano, entre o além e a História; sem dualismos ou extremismos. Pois, se for somente o Céu, teremos um discurso escatológico alienante; e, se for somente a Terra, poderemos confundir a salvação apenas com progresso material e político.

Aprofundar, portanto, a dimensão Escatológica da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* ganha relevância para a pastoral da Igreja, pois ela resgata, na conclusão do Sínodo sobre a evangelização pelo Papa Paulo VI, a energia e a força do empenho cristão desejoso e cheio de esperança para testemunhar a vida plena em sua própria história de fé e de vida, vigilante e fiel à vocação universal do homem.

Portanto, concluímos este nosso estudo teológico acerca da escatologia sublinhando esta dimensão da evangelização, em que os desafios se alternam para que a pastoral da Igreja se volte para a fundamental orientação: Jesus Cristo e o Reino de Deus, a plenitude da vida.